

Projeto de leitura: contos de fadas renovados

Cristina Pellin De Bastiani
UCS

*Escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente de
solidão. Escrevo com amor e atenção, ternura e dor e pesquisa,
e quero de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse.
Clarice Lispector*

Introdução

A leitura é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo exterior. Ela amplia e aprimora o vocabulário e contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, pois possibilita o contato com diferentes idéias e experiências. Assim, é obrigação da escola desenvolver o gosto e o prazer pela leitura, tornando os estudantes capazes de compreender diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade, de modo a formar leitores competentes e autônomos, contribuindo para a sua inclusão e interação na sociedade.

Ao observarmos a prática utilizada na escola, percebemos que pouco contribui na formação de leitores competentes. Há evidências de que professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental¹ e Médio² de Escolas Estaduais de Caxias do Sul enfatizam o estudo da nomenclatura gramatical, através de exercícios mecanicistas, nos quais a reflexão e a interação aluno-professor e aluno-aluno é pouco expressiva.

Devido a essas constatações, buscamos propor um projeto de leitura, voltado, especificamente, para o público de 5ª série do Ensino Fundamental, classificado por Aguiar (1986, p. 89) como 3ª fase de leitura (9 a 12 anos), quando ainda restam vestígios do pensamento mágico (dos contos de fadas, mitos e lendas), e o leitor começa a perceber mais o real à sua volta. Por esse viés, Bamberger (2006, p. 66-67) afirma que os contos de fada são uma maneira de transitar para as histórias que condizem mais com a realidade.

¹ Como requisito para a disciplina *Leitura e Literatura na Escola*, foi realizada a observação de uma 5ª série do Ensino Fundamental.

² Como requisito para a disciplina *Estágio I*, foi realizada a observação de um 1º ano do Ensino Médio.

Também aponta que este ano escolar ainda não é propício para a educação literária, considerando que o senso estético não está bem desenvolvido.

A 5ª série, de acordo com Aguiar (1986, p. 90-91), apresenta um percurso de evolução na fluência do ato de ler, permitindo que, ao compreender melhor as noções de espaço, tempo e classificação, o leitor exija leituras mais complexas. Por isso a obra *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, pode suprir anseios do leitor de modo que, apesar de ser um conto fantástico, englobe a realidade da personagem “escritor”, além de falar do que acontece quando acabam os contos de fadas. Dessa forma, o texto abrange o conhecimento já percorrido pelo jovem leitor e lhe propõe novos questionamentos, visto que não se trata de uma leitura “previsível”, alterando, portanto, o seu horizonte de expectativas. Igualmente, não impõe conhecimentos de teoria da literatura que não seriam recomendados nessa fase de leitura.

Bamberger (2006, p. 67) também propõe maior atenção aos interesses divergentes; isso condiz com o segundo momento de trabalho de leitura. Nossa proposição se embasa na consideração de que cada aluno já apresenta algumas preferências. Oferecer oportunidade de escolha permitirá que, como também sugere Aguiar (1986, p. 93), o aluno se sinta satisfeito em suas expectativas, ocasionando o prazer de ler.

O objetivo deste trabalho é apresentar um projeto que busca oferecer situações que possam despertar nos alunos o prazer e o interesse pela leitura, bem como ampliar as suas habilidades e competências, a fim de que se tornem leitores autônomos.

Revisão de literatura

Segundo o filósofo francês Voltaire³, “perigoso não é o homem que lê, é o que relê”. Isso ocorre porque ler é conhecer e, na releitura, há uma maior compreensão do texto, conseqüentemente, do mundo a que ele se refere e do qual o leitor participa, possibilitando uma consciência mais crítica e uma atitude mais ativa. Quando lemos, estabelecemos um diálogo com o texto, interagimos

³Este pensamento encontra-se no site < <http://beatrix.pro.br/educacao/frases.htm>>, em que não há menção da fonte original. Acesso em: 27 abr. 2006

com ele, comparamos situações, analisamos, questionamos suas teses, procurando possíveis e variadas respostas.

Não é possível dissociar a aprendizagem da leitura da aprendizagem da escrita, e, para Antunes (2003, p. 67), essas são atividades de interação que se completam. Da mesma forma que a leitura, a produção de textos escritos é uma prática de linguagem e, assim, uma prática social. Isso significa que devemos possibilitar ao aluno a escrita de textos para diferentes interlocutores, com objetivos diferentes, organizados nos mais diversos gêneros, para circularem em variados espaços sociais, de maneira adequada “à situação em que se insere o evento comunicativo”. (ANTUNES, 2003, p. 64).

Bagno (2002, p. 24) define a língua como atividade social, e isso faz com que a “prática da interpretação” seja fundamental na interação social humana. Para ele, portanto, essa prática deve ser exercitada em aula, e não só a teoria. O letramento que ele sugere não se resume a saber ler e escrever; envolve as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, a contextualização da língua em seu uso através da escrita. A leitura deve, portanto, ter uma grande participação na compreensão da gramática, sem, no entanto, depender da nomenclatura.

A escola deve ter como objetivo formar cidadãos críticos, com opiniões próprias e força de caráter. Isso, em grande parte, se dá com a leitura. Sua prática traz conseqüências maravilhosas, os conhecimentos de mundo se ampliam prazerosamente, e não ocorrem por imposição. Através da leitura o aluno pode desvendar a existência ao seu redor, e, ao romper seu horizonte de expectativas, amplia seu universo de entendimento. Braga e Silvestre posicionam-se a respeito quando enfatizam que:

Para formar um leitor e um produtor de textos competente e autônomo, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, construir significados e transformá-los em palavras, **exige-se do professor uma intervenção adequada, contínua e explícita durante toda a vida escolar do aluno.** E essa intervenção deve ocorrer de forma coerente e sistemática **antes, durante e depois** das atividades de leitura (2002, p. 20, grifos das autoras).

Acreditamos que o professor deva ser um mediador no processo de leitura e escrita. Saraiva (2006, p. 28), afirma que a participação do adulto, “cúmplice e colaborador”, permite que o estudante adquira “a confiança e a coragem de vivenciar a aventura da descoberta” da literatura, que, assim como a arte, provoca um “conhecimento inusitado” a partir da sensibilidade e significação, instaurando novos sentidos. Os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 24) ainda sugerem que os textos selecionados para uso didático sejam aqueles que favoreçam “a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamentos mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem”.

A escolha de trabalhar com os contos de fadas renovados justifica-se na medida em que estes, conforme explicita Vale (2001, p. 46-48), embora mantenham o maravilhoso, conduzem o leitor a uma percepção de si mesmo e da sociedade que o circunda. A leitura livre, por sua vez, propicia o atendimento à expectativa do leitor, motivando, segundo Aguiar (1986, p. 94), o prazer da leitura. Na defesa da leitura, Bamberger (2006, p. 80) também acredita que a leitura em voz alta realizada a princípio pelo professor “ajuda a tornar compreensíveis o significado e o caráter do texto, com a voz e a expressão facial, [pois] até os que não gostam de ler se sentirão encantados”.

Proposta de atividade de leitura

A proposta se constitui de duas fases paralelas.

Primeira fase: Contos de fadas renovados

Neste primeiro momento, deverá ser feita a recapitulação dos contos de fadas, através de perguntas⁴ que tratem de características particulares de cada história, possibilitando que os alunos as reconheçam. Eles devem responder a essas questões, a princípio, individualmente, para posterior discussão da temática com o grande grupo, com a mediação do professor. Isso possibilitará que eles aperfeiçoem seus conhecimentos em conjunto.

No momento seguinte a esse pequeno debate, o professor dividirá a turma em pequenos grupos e oferecerá para cada grupo um conto de fadas

⁴O professor pode se basear no modelo de questionário sugerido por GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. *Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: conto de fadas*. São Paulo: FTD, 2001, p. 9-14.

clássico (trazer em torno de dez⁵). Depois de realizadas as leituras, cada grupo divulga/expõe seu conto para a turma; caso achem interessante, poderão também apresentá-las em forma de teatro, encenando para as turmas de séries iniciais da escola.

Poderá ser realizada uma votação na sala a fim de escolher um filme que aborde contos de fadas renovados para assistir em aula, entre opções como: *Shrek*, *Deu a louca na Chapeuzinho*, *A nova Cinderela* ou *Encantada*. Independentemente do filme a que assistirem, o objetivo será verificar e anotar as diferenças e semelhanças entre o conto de fada tradicional e o que é veiculado na obra cinematográfica. Após o término, abre-se espaço para a discussão sobre as diferenças e semelhanças encontradas, elaborando-se um quadro comparativo que ficará exposto no mural da escola.

Todo esse trajeto tem como objetivo introduzir a obra de Pedro Bandeira, *O Fantástico mistério de Feiurinha*. O professor falará brevemente do autor e de sua obra infanto-juvenil e lerá um pequeno trecho inicial para despertar o interesse da turma. A partir daí, sempre haverá, nos minutos finais de cada aula, a leitura em voz alta de um capítulo do livro. Após o término da obra, será realizada uma discussão, e os alunos reescreverão seu próprio conto renovado, para posterior construção de um livro. As sugestões para essa escrita podem se basear nas elencadas no texto de Pedro Bandeira, a partir das quais o aluno poderá dar continuidade a um conto clássico ou reescrevê-lo. O professor deverá montar módulos (seqüência didática), de acordo com as dificuldades encontradas na produção dos contos, para posterior reescrita.

Para a montagem do livro da turma, o professor poderá fazer um trabalho interdisciplinar com as aulas de Educação Artística, nas quais os alunos poderão ilustrar seu conto, utilizando-se das características da história em quadrinhos ou apenas de imagens. Após isso, a turma escolherá um título para o livro, que será encadernado. Depois de pronto, todos os alunos poderão levar o livro para casa, para mostrar para sua família, retornando-o a cada três dias. Quando todas as famílias já tiverem visto o livro da turma, este fará parte do acervo da biblioteca da escola.

⁵Exemplos: “A Bela e a Fera”, “Pinóquio”, “A Pequena Sereia”, “Alladin”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Rapunzel”, “Branca de Neve”, “Rumpelstilskin”, “O Pequeno Polegar”.

Segunda fase: Leitura livre

Juntamente com o bibliotecário da escola, o professor fará uma seleção de livros infanto-juvenis de cada gênero literário. Esses grupos de livros serão oferecidos para a turma, com um comentário sobre os gêneros e um pequeno resumo sobre algumas obras que o professor julgar interessantes. Cada aluno, então, poderá escolher um livro que lhe desperte maior interesse – caso algum aluno não se interesse por nenhum dos livros selecionados, este poderá escolher outro que mais lhe agrade.

É importante ainda frisar que essa retirada de livros, feita na biblioteca, não será de modo algum imposta, respeitando a escolha espontânea do aluno. Os livros serão levados para casa, podendo ser trocados quando o leitor desejar.

Assim, a cada duas semanas (sem aviso prévio), faz-se uma mesa redonda para discutir as obras lidas. Aqui, o professor deve incitar a fala dos alunos, sem fazer apontamentos diretos sobre quem leu ou não. Com isso, tem-se o intuito de socializar as histórias lidas, oferecendo uma situação que desperte o interesse por outras leituras e que ainda possa atrair quem não leu.

A avaliação de ambas as fases ocorrerá de forma processual e progressiva, de modo a verificar o desempenho, a participação, o interesse e a aplicação do estudante no cumprimento das atividades, leituras e discussões, além da interação e empenho em seu grupo de trabalho.

Conclusão

Com este projeto, espera-se despertar o gosto pela leitura. Os alunos serão apresentados a um texto que trabalha com conhecimentos prévios (os contos de fadas), e, além disso, terão, ao longo do ano, livre escolha das leituras a serem feitas. Essas serão mediadas pelo professor, que oportunizará a participação do aluno nas discussões. Espera-se, ainda, procurar envolver todos os alunos e despertar o gosto e o prazer pela leitura, bem como contribuir na formação de leitores autônomos e competentes. Portanto, é grande a importância de se desenvolver nas escolas projetos voltados para a leitura. Para tanto, precisamos de professores comprometidos com o trabalho e

que estejam dispostos a envolverem-se de tal maneira a quebrar barreiras para a realização de um trabalho inovador.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. A Literatura e o leitor. *Letras de hoje*. Porto Alegre, Epecê, 1986. v. 19, n.1. p. 87-94.

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 13-84.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2000.

BANDEIRA, Pedro. *O fantástico mistério de Feiurinha*. São Paulo: FTD, 1999.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

VALE, Luisa Vilma P. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 43-49.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. (Orgs.) *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.